



MULHERES E RELIGIOSIDADES: EXPERIÊNCIA DAS MONJAS BENEDITINAS NO PARANÁ (1964-1999)

Wilma de Lara Bueno ¹

No final do século XIX, as novas concepções acerca do papel feminino e sua inserção na vida em sociedade, evidenciaram-se também no âmbito eclesial, mesmo às mulheres que tinham como escolha, viver na clausura. Segundo representantes da Igreja, as mulheres poderiam engrossar o movimento dos missionários que se deslocavam para as regiões conquistadas pelas potências imperialistas européias, na condição de portadoras da tarefa de criar condições de expandir a evangelização, bem como de estabelecer estruturas eclesiais, fundando escolas e conventos destinados às famílias das camadas privilegiadas, que se dirigiam aos povos conquistados.

Para as mulheres missionárias, às práticas tradicionais de formação e de religiosidades eram acrescentadas as tarefas de desempenhar funções diversas tais como: *“pedagógicas, artísticas, literárias, científicas, apostólicas, sem esquecer os trabalhos manuais. Junto às horas consagradas à oração e à leitura divina, elas poderiam se inscrever em diferentes atividades”*.² Este leque de atividades permitiria às religiosas dedicarem-se a trabalhos compatíveis com a vida contemplativa, sem empobrecê-la; ao mesmo tempo, possibilitaria conciliar a vida de oração ao trabalho missionário. Assim, mulheres missionárias foram enviadas para as terras conquistadas como portadoras de um projeto de evangelização na condição de fundadoras de unidades conventuais, de acordo com as condições e especificidades de cada região, podendo inserir-se em diferentes frentes de trabalho, sem alterar o estatuto que lhe conferia a condição de religiosa.

No entanto, em meados do século XX, no final da II Guerra Mundial, esta prática passou a ser repensada quando os povos colonizados adquiriram sua independência e manifestaram movimentos de rejeição aos países imperialistas e, da mesma forma, aos representantes religiosos que eram concebidos como enviados pelos governos europeus, o que gerou conflitos e experiências diversas muitas das quais se perderam no contexto político revolucionário.

Naquele contexto, o Concílio Vaticano II (1962-1965) retomou a necessidade de se evangelizar diferentes continentes, porém, ainda que sobrevivesse o ideal missionário religioso, a proposta voltava-se para os interesses dos diferentes povos, enaltecendo-se a participação na vida paroquial, considerando-se o perfil das comunidades e suas formas de expressarem a religião. Conforme o documento sobre o tema:

¹ Universidade Tuiuti do Paraná

²HISTOIRE DES MONIALES BENEDICTINES DE LA REINE DES APOTRES, Bélgica, 1993, p. 8.



...os cristãos devem valorizar o que têm de próprio os diferentes grupos humanos e neles se integrar com amor, participar integralmente de sua vida social e cultural e relacionar-se com naturalidade uns com os outros, sob todos os aspectos da vida humana de todo o dia. Familiarizarem-se com suas tradições nacionais e religiosas. Com alegria e respeito aos valores cristão e podem ser considerados com que sementes latentes da Palavra.³

Em relação aos institutos de vida ativa e contemplativa afirmava:

Os institutos religiosos tanto de vida contemplativa como ativa têm desempenhado até hoje um relevante papel missionário (...). Exorta-os, porém a prosseguir o caminho começado (...) impele e obriga a uma dedicação cada vez maior, pelo espírito e pelo trabalho efetivo (...) examinem-se com lealdade o trabalho que exercem (...). Talvez possam começar uma nova ação missionária, adaptando suas constituições, sem fugir ao espírito de seus respectivos fundadores.⁴

Com o intuito de atender aos apelos da Igreja, no contexto do Concílio Vaticano II, jovens mulheres europeias imigraram para a América Latina, a fim de fundar, no Paraná, o primeiro mosteiro das monjas beneditinas. Elas vieram munidas do propósito de se tornarem missionária na América e de atenderem ao apelo do Papa João XXIII em favor dos povos latino-americanos. Fixando-se em nova terra, elas expressaram suas primeiras impressões acerca do modo de viver dos povos da nova sociedade:

O país começa a se equipar industrialmente, tudo indica. Nota-se rapidamente que a produção não acompanha o crescimento da população e suas necessidades (...). As pessoas são gentis entre elas e com o estrangeiro. Elas têm uma qualidade de acolhimento extraordinária. Em geral, encontradas na rua têm um aspecto feliz (...) os brasileiros são espontâneos, o que para nós é somente uma atitude de educação.⁵

Para o grupo de religiosas, que aceitou o desafio de cruzar o Atlântico, as dificuldades eram variadas, tais como não dominar o idioma, não conhecer a cultura brasileira e nem mesmo a história do país. Necessitavam ainda desenvolver atividades produtivas que lhes garantissem a sobrevivência e lhes assegurassem autonomia, de maneira geral. Tinham por fundamento fazer reviver as tradições do fundador de sua congregação, expressas nas palavras *ore et labore*. Como missionárias enfrentariam dificuldades semelhantes àquelas que os imigrantes, de maneira geral, revelam em seus diários de viagens, nos registros das experiências rumo às terras desconhecidas.

Por onde começar? Essa seria uma das perguntas que todo o imigrante teria em mente ao se deparar com a nova realidade. Em meio a um conjunto de iniciativas, elas foram acomodadas em casas de religiosas de outras congregações, o que se constituiu uma oportunidade perfeita para aprender a língua, enquanto providenciavam a compra do terreno e a construção das acomodações, onde iriam edificar a sede de sua proposta evangelizadora. O domínio da língua e o conhecimento

³ DECRETOS AD GENTES sobre a atividade missionária da Igreja. In: CONCÍLIO VATICANO II: mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 411.

⁴ Ibidem, p. 437.

⁵ CRÔNICAS DO MOSTEIRO DO ENCONTRO, Curitiba, 1964.



dos costumes nacionais foram sendo adquiridos em viagens realizadas a outras cidades, onde participavam de cursos especiais destinados aos missionários recém-chegados.

Nesta dinâmica, desde os primeiros tempos, elas expressavam suas impressões sobre a história do país, os costumes do povo, as particularidades dos grupos sociais. Em depoimentos registrados nas Crônicas e nos Anais elas afirmavam que causava estranheza o fato de que chegavam ao país em um momento de grande efervescência política, provocada pelo golpe militar de 1964. Elas ouviam falar da “revolução” e não compreendiam seu significado, uma vez que traziam conceitos associados à Revolução Francesa e outras semelhantes que constituíam a história europeia. Em relação às pessoas, com as quais cruzavam no dia-a-dia, as religiosas perceberam que, sendo européias, elas confundiam cultura com educação, pois muitas pessoas do seu entorno, não sabiam nem ler, nem escrever, mas demonstravam provas de uma verdadeira educação e caridade no acolhimento que demonstravam.

No sentido de conviver com o “outro” que seria o pobre, conforme as intenções do Concílio Vaticano II, elas então construíram sua sede em região periférica da cidade e buscaram formas de produzir a vida material, trabalhando no artesanato em madeira, na fabricação de doces e geleias, além de se dedicarem a uma intensa atividade intelectual caracterizada pela tradução de obras e publicação de mensagens evangélicas em jornais da cidade. O convento, de madeira rústica, circundado por casas simples e favelas – as quais, para o espanto das jovens religiosas erguiam-se em três ou quatro dias – passava a fazer parte da paisagem tropical e revelava contornos bem diversos dos históricos edifícios europeus. Como integrantes do conjunto conventual, ao longo dos anos, a biblioteca, o ateliê, a capela e a hospedaria passaram a constituir o cenário onde, gradualmente, elas foram edificando a comunidade, estabelecendo redes de relacionamentos, de trabalho e de cumplicidade religiosa.

No campo das atividades produtivas, em se tratando de um país tropical, a grande variedade de frutas possibilitou que, inicialmente, elas intensificassem a produção de geleia o que lhe assegurou uma rotina de trabalho entre obtenção da matéria-prima, fabricação, comércio e transporte, destacando-se esta atividade sobre os outros tipos de negócios que elas ensaiavam. Nesse sentido, os conhecimentos que traziam de seus países – segundo os registros, “a maioria das moças européias sabia fazer doces, pães e geleias, pois era descendente de famílias camponesas” – foram submetidos “à prova” ao conhecerem novas frutas e alimentos típicos da terra brasileira. Com isso, outros investimentos efetivaram-se trazendo possibilidades técnicas e o aumento da produtividade. Junto às experiências culinárias, elas estabeleceram uma modesta hospedaria,



constituída, inicialmente, por apenas cinco acomodações, também nos moldes da ambientação que definiam sua experiência na América Latina: a construção era, igualmente, de madeira rústica e continha o essencial em termos de móveis; aos hóspedes era oferecido um cardápio equilibrado, com produtos cultivados no próprio espaço do convento, inspirado em receitas gastronômicas procedentes da fusão das tradições europeias e da introdução de novos ingredientes acrescentados pela experiência imigratória.

Ao mesmo tempo em que se dedicavam ao trabalho, cuidavam da escola de formação, estabelecendo o noviciado para jovens que desejassem seguir o modelo de vida por elas transmitido. Para tal investimento, definiram os alinhavos que estruturariam a vida comunitária, apostando nos laços de fraternidade, de companheirismo e no aprofundamento das práticas religiosas, seguindo as tradições do fundador expressas na máxima “*ore et labore*”. Um programa intenso de estudo, em que se incluíam a prática da nova língua, as palestras especiais sobre a história e a geografia nacional, os ajustes litúrgicos em tempo de renovação dos rituais exigidos pelo Concílio Vaticano II, passou a fazer parte do cotidiano da comunidade que se fortalecia ao longo dos anos de fixação na nova terra.

Os investimentos na escola de formação contaram com o apoio de autoridades eclesiais, de profissionais diversos que frequentemente visitavam o convento para proferir cursos, e de religiosas empenhadas em ministrar aulas diversas às noviças interessadas em seguir a vida conventual. Nesse sentido, estabeleceram laços com a paróquia local e com a comunidade que se constituía no entorno, cujo perfil era marcado pela exclusão social e expropriação agrária, no tempo da industrialização do Estado e de implantação da Cidade Industrial em Curitiba. Sem perder sua especificidade – a vida contemplativa – as religiosas realizaram um trabalho de acessibilidade ou acolhimento às pessoas que as procuravam por motivos diversos, na maioria das vezes, em busca de auxílio em momentos de tensão. Com esses excluídos estabeleceram práticas de solidariedade, abrindo caminhos para que muitos trilhaassem vias de acesso às experiências religiosas. Conforme a documentação consultada: “*Nossa vizinhança imediata está se modificando muito. Pequenas casas são construídas, outras vêm abaixo em um dia, porque a população é instável. Uma máquina traçou ao redor do mosteiro os caminhos, cortados em ângulos direitos que se tornarão as ruas do quarteirão em desenvolvimento*”.⁶

A experiência da vida comunitária das religiosas no Paraná consolidou-se ao longo de mais de quarenta anos, perseverando-se nas escolhas de atividades produtivas bem como na dedicação

⁶ CRÔNICAS DO MOSTEIRO DO ENCONTRO, Curitiba, 1964.



aos estudos próprios da espiritualidade, na execução do programas litúrgicos que marcaram e marcam a rotina conventual, definindo-se o tempo do trabalho e o tempo da oração. Nesse compasso, no final dos anos de 1990, as monjas somaram recursos e condições necessárias para se tornarem autônomas e se transferir para uma nova sede com instalações ampliadas, além de fundarem uma filial no extremo norte do Brasil.

Ao se pensar a experiência das religiosas europeias em terras latino-americanas busca-se refletir sobre os conceitos de identidade que marcam os estudos teóricos acerca dos movimentos migratórios de naturezas diversas. Os tratados de memória, as crônicas, diários de viagens costumam relatar o impacto do imigrante frente ao novo, o descompasso nas visões de mundo entre o conhecido e o desconhecido, remetendo ao conceito de cultura em que cada etnia constrói os sistemas classificatórios por meio dos quais são dados sentidos ao mundo social e se explicitam uma rede de significados. Em se tratando do campo religioso, a referência se evidencia a partir dos conceitos simbólicos que instituem o sagrado como inerente às atividades que organizam a vida cotidiana no interior do convento de maneira geral. Nesse sentido, o universo das religiosidades é marcado por sistemas simbólicos que instituem fronteiras em relação à vida comum, estabelecendo ritos e atividades que legitimam a natureza do sagrado e o diferenciam de outros campos do social: *“O sagrado, aquilo que é ‘colocada a parte’, é definido e marcado como diferente em relação ao profano. Na verdade, o sagrado está em oposição ao profano, excluindo-o inteiramente”*.⁷

No olhar da mulher missionária européia, em relação às novas terras, esteve presente o estranhamento e o impacto sugeridos pela nova realidade, mas estes sentimentos foram neutralizados pelos propósitos dos quais eram portadoras: elas teriam como objetivo fundar uma unidade conventual em terras distantes, imbuídas do propósito de se integrar às populações pobres do continente latino americano e fazer resplandecer as premissas do fundador da congregação.

Nesse sentido, as diferenças procedentes das variedades étnica e socioculturais seriam assumidas e superadas a partir dos princípios inerentes ao ideário religioso que colocariam em prática: acolher o outro na perspectiva cristã e constituir uma comunidade guiada pelos fundamentos da Congregação, que além das virtudes que são inerentes às ordens religiosas, acrescentariam a conversão dos costumes e a estabilidade. Nesse sentido, à constituição da comunidade por religiosas europeias, seriam gradativamente, integradas representantes de outras etnias o que as levaria a exercitar entre elas o convívio com a diferença, bem como em relação aos

⁷ WOODWARD, Kathrun. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 41.



habitantes da vizinhança que acenavam como sendo a significativa experiência com o “outro”, no contexto dos propósitos que pretendiam alcançar.

Para além das narrativas que se evidenciaram no âmbito religioso em países distantes, as imigrantes européias constituíram um grupo de mulheres que trouxe mudanças para o modelo de vida que elas professavam ao reunirem condições de trabalho e alcançar a autonomia necessária para crescer e se consolidar como instituição. Ao mesmo tempo, trouxeram a lume as tradições do fundador e buscaram alternativas para abrir caminhos e manter diálogos com a sociedade em que se inseriam.

Nessa perspectiva, revelaram que em meados do século XX, em plena efervescência dos movimentos feministas e de avançadas conquistas técnico-científicas, elas assumiram frentes de trabalho que lhes proporcionaram construir experiências que se concretizaram em projetos de expansão de seu modelo de espiritualidade.

Bibliografia

ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

AZZI, Riolando (org.). *A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos*. São Paulo: Paulinas, 1983.

CONCILIO VATICANO II: mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 1998.

CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

DUPRONT, Alphonse. A religião: antropologia religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (dir.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ENOUT, D. João E. *Regra de São Bento*. Juiz de Fora: Mosteiro Santa Cruz, 1999.

HISTOIRE DES MONIALES BENEDICTINES DE LA REINE DES APOTRES, Bélgica, 1993, p. 8.

MARTINELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995.

NUNES, Maria do Rosário. Freiras. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.



SCOOT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP 1992.

WOODWARD, Kathrun. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000

ZELDIN, Theodore. *História íntima da humanidade*. Lisboa: Teorema, 1997.